



ARTIGOS

ALFABETIZAÇÃO DE IDOSOS: A DISCIPLINA DE EJA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES – O CURSO DE PEDAGOGIA

Mônica de Ávila TODARO

Universidade Federal de São João del Rey - UFSJ

São João del Rey, Minas.Gerais, Brasil

mavilatodaro@ufsj.edu.br

ORCID. <https://orcid.org/0000-0001-7777-925X>

Resumo: As pesquisas sobre a formação inicial de professores para a atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como foco as pessoas idosas, têm tido pouco destaque no cenário acadêmico. Neste artigo, pretendo apresentar uma síntese dos principais resultados de uma pesquisa realizada por estudantes do curso de Pedagogia. Os dados foram coletados quando de uma visita técnica a classes que oferecem a Educação de Jovens e Adultos (EJA), na educação não formal, na cidade de São Paulo. Esse estudo explora os fundamentos teóricos advindos da Gerontologia e do método/sistema Freire de alfabetização. Os resultados revelaram que é importante trazer para a disciplina de EJA os desafios de alfabetizar pessoas idosas, uma vez que estas farão parte do público alvo de futuros pedagogos nas classes de EJA.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Educação de Jovens e Adultos. Idosos.

LITERACY OF ELDERLY: THE DISCIPLINE EJA IN THE PEDAGOGY COURSE

Abstract: Research on the initial training of teachers to work in Youth and Adult Education (EJA), focus in go the elderly, has had little emphasis in the academic scenario. In this article, I intend to present a summary of the main results of a research carried out by students in the Pedagogy course. Data were collected during a technical visit to classes that offer Youth and Adult Education (EJA), in non-formal education, in the city of São Paulo. This study explores the theoretical foundations from Gerontology and the Freire method/system of literacy. The results revealed that it is important to bring the challenges of educating older people other EJA discipline, since they will be part of the target audience of future educators in the EJA classes

Keywords: Initial teacher training. Youth and Adult Education. Old persons.

ALFABETIZACIÓN DE ANCIANOS: LA DISCIPLINA EJA EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA

Resumen: La investigación sobre la formación inicial de docentes para trabajar en Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), centrada en los ancianos, ha tenido poco énfasis en el escenario académico. En este artículo, tengo la intención de presentar un resumen de los principales resultados de una investigación realizada por estudiantes en el curso de Pedagogía. Los datos fueron recolectados durante una visita técnica a las clases que ofrecen Educación para Jóvenes y Adultos (EJA), en educación no formal, en la ciudad de São Paulo. Este estudio explora los fundamentos teóricos derivados de la Gerontología y el método de alfabetización Freire. Los resultados revelaron que es importante llevarlos a los desafíos de educar a las personas mayores a la disciplina EJA, ya que serán parte del público objetivo de futuros educadores en las clases de EJA.

Palabras-clave: Formación inicial del profesorado. Educación de Jóvenes y Adultos. Adultos mayores.

Introdução

O que importa é que, centralmente, nós nos tornemos capazes de entender o mundo. Nós produzimos, simultaneamente, com a capacidade de entender o mundo a capacidade de comunicar o entendido, quer dizer: não há inteligência no mundo sem comunicabilidade do entendido. O homem e a mulher - somos, além de seres inconclusos, conscientes da inconclusão e históricos, nós somos seres inteligentes e comunicadores da compreensão inteligente que fazemos da realidade. Não há, então, inteligibilidade sem comunicabilidade (Palestra proferida por Paulo Freire. *VI Simpósio de Educação da Universidade Mackenzie* em 10 de abril de 1997).

O mundo está diferente porque envelhece populacionalmente. Segundo dados do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), em 2025, o país será o sexto do mundo com o maior número de idosos. Essa mudança é desafiadora e suas implicações são profundas para o campo educativo, quando se trata da formação de professores.

As pesquisas sobre a formação inicial de professores para a atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como foco as pessoas idosas, têm tido pouco destaque no cenário acadêmico. A capacidade de entender a nova realidade precisa ser comunicada.

Este artigo traz uma síntese dos principais resultados de uma visita técnica realizada por estudantes do curso de Pedagogia. Os dados foram coletados pelas estudantes, quando de um estudo de camponas classes que oferecem a Educação de Jovens e Adultos (EJA), na educação não formal. O objetivo do presente artigo é apresentar uma síntese dos principais resultados de uma pesquisa realizada por estudantes do curso de Pedagogia, promovendo um diálogo entre a teoria apresentada ao longo da disciplina EJA e a observação da prática educativa de professores que atuam nessa modalidade de ensino, em espaços não-formais, com idosos.

No texto, apresento a minha história de vida para justificar a relevância da disciplina tanto para a minha atuação como professora universitária, quanto como pesquisadora. Além disso, defendo a importância de considerar as pessoas idosas na disciplina EJA. Num terceiro momento, descrevo como a disciplina foi organizada por mim, no curso de Pedagogia. Por último, trago os dados advindos da visita técnica e teço as considerações finais.

O interesse pela Educação de Jovens, Adultos (e Idosos)

A busca de dados pessoais, relativos à minha história de vida, e de minha carreira docente pode ajudar a compreender o motivo da escolha do tema a ser discutido, porque

(...) seguir la vida del docente en su evolución cronológica – durante toda su carrera y a través de distintas generaciones – puede ayudar a combatir la falsa idea previa de intemporalidad. Si trabajamos con algo tan personal como la enseñanza, es de vital importancia conocer que tipo de persona es el docente (Goodson, 1981, p. 69).

Nasci numa família mineira composta, em sua maioria, por adultos. Fui a caçula de cinco irmãos e meus pais me tiveram por volta de quarenta anos de idade. Quando tinha dez anos, minha irmã cursava o magistério, os outros estavam na faculdade e o mais velho era professor no chamado supletivo.

Como adorava brincar de “escolinha” e era muito boa em matemática, meu irmão me levava para ajudar seus alunos do curso noturno, para adultos. Acredito que esta oportunidade tenha despertado em mim o desejo de caminhar pela docência, especialmente na EJA.

Meu percurso sempre esteve ligado à docência, já que comecei a dar aulas aos quinze anos de idade, de ballet, numa escola de Educação Infantil. A inserção na educação não-formal se deu por causa de um convite para ministrar aulas de dança para idosos do Clube da Terceira Idade, em um centro de convivência. No mesmo ano, fui convidada para ministrar aulas em uma Universidade da Terceira Idade. Estas experiências afetaram todo meu desenvolvimento como pesquisadora iniciante, dando origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, uma monografia intitulada “Centros de Convivência: integração ou segregação?”, na qual problematizava a separação dos estudantes idosos das pessoas de outras idades.

Tanto no mestrado, como no doutorado, meus estudos estiveram voltados para os sujeitos idosos. Durante a pós-graduação, mantive minhas atividades como servidora pública desempenhando funções de docência e gestão, seja atuando como professora-alfabetizadora, coordenadora pedagógica e diretora de escola. Simultaneamente, desempenhava a função de professora universitária.

Ao receber o convite da Secretaria de Educação de Itatiba-SP para assumir o cargo de Chefe de Seção da EJA, me tornei responsável pela gestão de dez escolas municipais que ofereciam classes regulares de EJA. Lá, me dediquei, principalmente, ao cuidado para com a alfabetização de pessoas idosas.

Talvez essa trajetória familiar e profissional justifique o meu interesse pelo tema e por ministrar a disciplina relativa a ele, no ensino superior. Relatar minha experiência na disciplina EJA, para em outro momento reestruturá-la, é o desafio ao qual me proponho nesse texto.

Por que pensar a respeito de pessoas idosas na disciplina EJA?

A história das disciplinas escolares constitui um campo de investigação configurado a partir dos anos de 1970, sobretudo na Grã-Bretanha por Ivor F. Goodson, entre outros, com a influência da “nova sociologia da educação” inglesa e dos chamados “estudos do currículo”, e na França, também entre outros, por Dominique Julia e André Chervel (Viñao, 2008). Acredita-se que escrever e publicar um texto que trata da trajetória de uma disciplina permite extrair dele ideias, cuja aplicação pode ser de alguma utilidade nos debates pedagógicos e nas práticas educativas presentes e futuras.

Vale destacar que estudos sobre a produção acadêmica nacional envolvendo a EJA e, portanto, a formação de professores para a EJA já foram realizados anteriormente: Haddad (2000) analisou a produção do período 1986 a 1998; Araújo e Jardimino (2011) focaram no período de 2006 a 2010; Oliveira; Dias; Motta Neto (2012) investigaram a produção de 1992 a 2010 e Laffin e Gaya (2013) analisaram o período de 2000 a 2011 (Kuhn; Slongo, 2015).

O estudo de Kuhn e Slongo (2015), com relação às dimensões da formação de professores priorizadas, apontou a fraca participação dos cursos de formação inicial no debate sobre a docência na EJA. A grande maioria dos cursos de licenciatura ainda está ausente deste debate, apesar de constituírem-se, juntamente com a Pedagogia, em espaços fundamentais para a formação dos educadores.

A garantia do direito ao Ensino Fundamental gratuito a todos, independentemente da idade, está presente nas diretrizes de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém, a história da disciplina Educação de Jovens

e Adultos, como o próprio nome indica, não nos mostra que foi tratada nela a presença das pessoas idosas nos cursos de formação inicial de professores. Surge então, no meu entendimento, a necessidade de problematizar este (não) lugar do idoso no curso de Pedagogia.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) trouxe dados que revelaram que mais de 10 milhões de brasileiros com mais de 60 anos não sabem ler ou escrever (24.8% de analfabetos); a maioria mulheres, negros e moradores da zona rural. Ainda persistem no Brasil cidadãos marginalizados e excluídos dos espaços e bens da sociedade, trabalhadores rurais e domésticos, jovens com histórico de insucessos na escola regular ou dela evadidos, além de adultos subempregados, atuando no mercado informal, ou ainda desempregados e idosos (ARROYO, 2001). Essa é uma realidade social que necessita de intervenção pedagógica, já que as pessoas idosas têm trajetórias escolares interrompidas e muitas buscam a EJA.

A partir de minha experiência profissional, narrada anteriormente, criei e vivenciei a proposta da disciplina em questão. Meu objetivo era envolver os (as) estudantes do curso de Pedagogia, numa relação teórico-prática, por meio de aulas dialogadas e visitas técnicas, compreendidas como um estudo do meio, e realizadas em uma classe de alfabetização de idosos.

Sabe-se que a formação de alfabetizadores (as) da EJA é prevista pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos de 2000, como também pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia de 2006. Porém, não há uma definição clara de quais são as atribuições para a atuação com pessoas idosas nesta modalidade.

Não há consenso, também, quanto ao perfil do profissional, ou as metodologias. Desse modo, a alfabetização de idosos fica sujeita ao bom senso e formação dos que a promovem, sendo que, em muitos casos, os (as) professores (as) de ensino superior não possuem trajetória de formação inicial ou continuada específica na EJA. Se é durante a formação que o futuro professor-alfabetizador se prepara para atuar profissionalmente, então a disciplina EJA pode servir de base à compreensão dos desafios que o envelhecimento populacional, hoje, coloca à profissão de pedagogo.

A formação inicial de professores (as) para atuar nos anos iniciais da EJA está prevista no Projeto Político Pedagógico dos cursos de Pedagogia. Contudo, na maioria dos documentos, há destaque para a EJA apenas como espaço de atuação do Pedagogo e, logo, a disciplina aborda o tema de maneira generalista, num único semestre, sem foco na instrumentalização pedagógica para a alfabetização de idosos.

Ao tratar especificamente da questão da formação inicial de professores (as), a pesquisa de mestrado de Alessandra Fonseca Farias constatou que

tanto os graduandos como os egressos dos cursos acreditam que a formação recebida não é suficiente para atuar na EJA, principalmente pela falta de disciplinas específicas, sendo que na maioria das universidades investigadas a formação é opcional e não atinge a maior parte dos alunos. Em consequência disso, os entrevistados não se sentem preparados para ensinar jovens e adultos (FARIAS, 2016, p. 150).

Além disso, a autora concluiu ao final de sua pesquisa que

muitos dos egressos que atuam ou atuaram na EJA relataram que sentem dificuldades no planejamento das aulas e na prática pedagógica, sobretudo, em decorrência da diversidade de vivências e realidades dos alunos; e, ainda, mencionaram que não atribuem os conhecimentos adquiridos à formação inicial em Pedagogia (FARIAS, 2016, p.150).

Costa e Braga (2018) apresentam uma pesquisa bibliográfica dedicada à seleção e à análise de 40 artigos do periódico brasileiro “Psicologia: reflexão e crítica”, publicados entre os anos 2000 a 2012, com objetivo de organizar elementos que contribuem com o atendimento aos idosos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), entendendo-os como sujeitos que compõem esta modalidade da educação básica. Os resultados revelaram as categorias temáticas: cognição e envelhecimento; qualidade de vida na velhice; representações sociais do envelhecimento; e percepção e processamento visual de idosos. As autoras sugerem a relevância social e acadêmica da temática dos idosos na EJA e o fomento de novos estudos e pesquisas, a fim de potencializar a produção científica na área da educação e fortalecer o conhecimento sobre a prática pedagógica voltada a essa população.

Serra e Furtado (2016), no artigo “Os idosos na EJA: uma política de educação inclusiva”, desvelam a importância de dar visibilidade ao sujeito idoso na EJA, pois embora contemplado nessa modalidade de ensino, na prática nota-se a ausência de uma política de educação, com uma proposta pedagógica que ofereça aos idosos o reconhecimento das suas necessidades e peculiaridades no processo educativo dos espaços escolares e não escolares. Nesse enfoque, questionam: de que forma o direito dos idosos de continuar aprendendo está sendo discutido e contemplado nas definições de políticas educacionais na modalidade EJA? As autoras apresentam reflexões sobre o imperativo de acesso à educação para as pessoas idosas e propõem que seja ampliado o escopo da EJA, enfatizando a importância da educação de idosos nos cursos de formação de professores, em especial nos cursos de Pedagogia.

O estudo de Marques e Pachane (2010) salienta a necessidade de melhor formação docente em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, mais especificamente, em relação ao idoso, um grupo marcado por múltiplas exclusões e bastante presente nas salas de aula de EJA. O estudo foi realizado a partir de revisão bibliográfica sobre Educação de Jovens e Adultos, idosos e formação docente, da reflexão sobre documentos, tais como a Constituição da República Federativa do Brasil e o Estatuto do Idoso, e da análise da experiência desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas-SP, por meio da FUMEC (Fundação Municipal de Educação Comunitária). As autoras destacam a importância do papel do educador no intuito de reverter a obscuridade a que é remetida a pessoa idosa, tanto no âmbito social quanto no educacional. Concluem que tornam-se necessárias rupturas, que dizem respeito à própria imagem do pedagogo e da área da educação na sociedade, notadamente vinculada à infância, no intuito de incluir temáticas relativas ao idoso e ao envelhecimento nos currículos dos cursos de Pedagogia, bem como de ampliar discussões a respeito do idoso, em especial aquele oriundo de camadas populares, nas pesquisas no campo educacional.

Mediante os resultados das pesquisas, percebe-se que, embora a EJA seja oferecida como disciplina, optativa ou obrigatória, dos cursos de Pedagogia, o resultado é apenas iniciar a discussão e não instrumentalizar os graduandos para a prática educativa voltada para a alfabetização de pessoas idosas. Alfabetizar a pessoa idosa, conhecendo suas reais capacidades e respeitando seus saberes, pressupõe o surgimento de um novo profissional-alfabetizador e traz implicações pedagógicas que envolvem questões didáticas e metodológicas imbricadas na prática. Daí a importância de experienciar aquilo que, no ambiente universitário, pode parecer apenas teórico-conceitual.

Como a disciplina “EJA” foi organizada?

A fim de iniciar a discussão à qual a disciplina se propunha, foram compartilhadas as histórias de vida da professora e dos (as) estudantes, na perspectiva de se considerar o (a) futuro (a) docente como pesquisador (a) da sua trajetória. Parece interessante destacar que muitos (as) estudantes de Pedagogia trouxeram em

suas falas representações da Educação de Jovens e Adultos. Muitos haviam completado seus estudos no Ensino Médio na EJA, ou tinham familiares que fizeram essa trajetória, e alguns afirmaram serem filhos (as) de pais e mães não alfabetizados. Tal momento entrelaçava professora e estudantes numa trama acolhedora e de cumplicidade.

Para problematizar a questão da pessoa idosa na EJA, foram utilizados nas aulas (chamadas de encontros) os fundamentos teóricos advindos da Gerontologia, ciência com característica multidisciplinar que se debruça nos estudos ligados ao envelhecimento e à velhice (Neri, 2001; Cachioni, 2003; Todaro, 2014). A Educação e a Gerontologia, enquanto campos interdisciplinares, contribuíram com a fundamentação teórica necessária para a formação inicial de professores (as)-alfabetizadores (as) e no que diz respeito à revisão de suas representações sobre as pessoas idosas, advindas do senso comum.

Ao longo dos encontros, foram apresentados os conceitos essenciais para a compreensão das questões relacionadas à alfabetização na perspectiva do letramento e como leitura de mundo, isto é, como algo que independe da mera aquisição do código escrito. Para isso, foram apresentadas aos (às) estudantes as obras de Freire (1979, 1982, 1992, 1994, 1996), Brandão (1985); Tfouni (1988, 1995), Kleiman (2000), Soares (2000) e Gadotti (2014).

A visita técnica (estudo do meio), sugerida desde a apresentação do Plano de Ensino, provocou os (as) estudantes do curso de Pedagogia no sentido de ter contato com a realidade de uma classe de alfabetização que se encontrava fora do sistema formal de ensino. As visitas foram programadas e feitas em espaços de educação não-formal mantidos por Instituições religiosas, mais precisamente pela Igreja Católica.

Para (re)conhecer os frutos da disciplina, a avaliação final previa a produção de um texto coletivo (relatório). O objetivo era registrar a importância da relação teórico-prática na formação inicial de professores (as). Trago, no presente artigo, trechos do trabalho produzido pela classe do curso de Pedagogia, do 4º período.

Para construir o relatório, foram feitas observações e cada estudante tinha seu diário de campo. Deste modo, o que chamamos de visita técnica é, também, um estudo do meio. Sabe-se que realizar o Estudo do Meio é considerá-lo um procedimento metodológico importante para o desenvolvimento do trabalho docente, principalmente, quando se trata da formação inicial de professores (as)-alfabetizadores (as)

Estudo do meio refere-se a um lugar, a um território. Qual é o lugar que alfabetiza pessoas idosas? Esse lugar-território é um espaço limitado e determinado através dos acordos e no diálogo estabelecido com os sujeitos que estão envolvidos nesse trabalho? É um campo de estudos e de trabalho?

Todo lugar-território sofre variações por causa dos acontecimentos que são históricos e provocados pelos mais diferentes interesses. Interesses esses, que vão para além da compreensão que se pode ter no momento de uma visita técnica.

Tendo consciência desse "recorte" territorial, a realização de uma visita técnica em uma classe de alfabetização foi de grande importância para as estudantes de Pedagogia porque só assim pode-se compreender verdadeiramente como a educação de pessoas consideradas "fora da idade escolar adequada" acontece e como as instituições que se propõem a fazer este trabalho, o desempenham. Desse modo, ter vivenciado esta experiência foi algo enriquecedor para a trajetória dos (as) participantes, mesmo sabendo que

As disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem e se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações (ou as tomam emprestadas de outras) etc. (VIÑAO, 2008, p. 204).

O que a visita técnica revelou?

O espaço visitado para a realização deste estudo estava localizado na região Norte do município de São Paulo, mais precisamente no bairro de Santana que do ponto de vista socioeconômico se apresenta bem estruturado, pois oferece a seus moradores uma boa qualidade de vida. O bairro tem farto transporte público (metrô e linhas de ônibus), saneamento básico, rede elétrica, hospital público e privado, boas escolas e uma universidade. Oferece opções de lazer para os moradores, como parques, teatros, centros comerciais e o Serviço Social do Comércio (SESC).

O local onde foi feita a visita é administrado por uma instituição católica, que organiza todas as atividades das turmas de alfabetização. É coordenado por um profissional da Assistência Social e tem o nome de "Centro de Assistência Social".

O Centro de Assistência Social também oferece outras atividades, como: auxílio para desempregados; atividades de inclusão digital; oficinas de trabalhos manuais; orientação psicológica; reuniões de grupos de alcóolicos anônimos; entre outras chamadas de "Pastorais" nas quais oferecem auxílios aos paroquianos.

As aulas acontecem em duas salas destinadas a alfabetização de idosos, mas que também são usadas para outras atividades da Igreja em momentos contrários ao horário das aulas. As salas se encontram no andar superior e o acesso se dá por escadas, o que não parece adequado para quem quer receber pessoas idosas.

Há duas turmas de alfabetização que são classificadas como "Turma 1" (composta por pessoas que não sabem ler nem escrever) e "Turma 2" (na qual estão as pessoas que dominam algumas habilidades de escrita e de leitura). De acordo com a assistente social, esta classificação é feita por meio de uma prova aplicada no início do ano letivo.

As salas que abrigam as turmas são pequenas e podem ser assim descritas:

Sala 1-Esta sala é toda de alvenaria e tem quatro janelões no alto. Nela, há uma mesa de madeira e ferro e uma cadeira de madeira para o professor, carteiras de madeira e ferro no modelo universitário para os alunos, uma lousa branca média, dois armários de madeira onde são guardados materiais de apoio, como o livro de presença dos alunos assim como o diário de classe do professor, alguns livros, canetas para escrever na lousa, lápis de cor e cola. Na sala também foi encontrado um painel onde os alunos construíram um alfabeto a partir de figuras de um jornal de supermercado.

Sala 2-Esta sala é de alvenaria e não tem janelas; uma de suas paredes, onde fica a porta, é de divisória de madeira que é rebaixada para possibilitar a ventilação. Nela foi encontrada uma mesa de madeira e ferro para o professor, carteiras de madeira e ferro no modelo universitário para os alunos, uma lousa branca pequena e um bebedouro de água que fica em cima de uma mesa de madeira no canto direito da sala. Não há armário, e tem um quadro de avisos em cortiça.

Ainda em relação ao espaço físico, é importante destacar que a instituição não permite o uso do refeitório para os educandos idosos. O lanche acontece na sala de aula e os alimentos são trazidos de casa pelos

próprios idosos que os compartilham com os colegas. Portanto, é notória a inadequação do espaço físico e da oferta de alimentação às pessoas idosas.

O que dizer dos gestores (as) e dos educandos (as) idosos (as)?

A equipe gestora do local é composta por um presidente, uma profissional da assistência social formada em nível universitário, uma secretária e quatro professores que ministram a aulas.

Quanto aos alunos matriculados, fomos informados de que são 40 estudantes divididos entre as duas turmas, mas que a frequência ficava muito abaixo deste número. Do total de matriculados, frequentavam, diariamente, algo entre 12 a 15 alunos por aula. Os estudantes, em sua maioria, são mulheres, donas de casa e aposentadas. Havia apenas um homem em uma das turmas visitadas. A maior parte dos (as) alfabetizando (as) tinha idade entre 60 e 75 anos, possuía baixa renda e era migrante do norte e nordeste do país, sendo que havia também alguns alunos nascidos do estado de São Paulo.

Quem eram os (as) professores (as)-alfabetizadores (as)?

O quadro docente da Instituição é formado por quatro professores, sendo que um deles não tem formação em licenciatura, trabalha na área de Contabilidade em empresa privada e os outros três professores têm formação universitária em Letras e Matemática. Dois dos professores são aposentados pela rede pública de ensino de São Paulo. O professor formado em Letras tem pós-graduação na área. A primeira turma visitada era regida por uma professora sem formação em licenciatura e que atua há oito anos na instituição.

A relação professor-aluno, no que se pode perceber, é muito tranquila. Os professores se preocupam com os alunos que faltam demais, com aqueles que estão quase desistindo por problemas pessoais, são compreensivos quando os (as) alunos (as) justificam suas faltas por problemas particulares e procuram ajudá-los da melhor forma possível. Nota-se um clima respeitoso, principalmente em relação às suas histórias de vida, algo básico para quem compreende que eles estão estudando porque em algum momento lhes foi negada a oportunidade de se alfabetizarem.

Como se dava a prática educativa observada?

O material didático utilizado pelos professores foi elaborado e planejado por eles. Na visita técnica, percebeu-se que não se utilizava livros didáticos e que as atividades foram retiradas da internet e de livros nos quais os (as) professores (as) se alfabetizaram. Ao analisá-las, notou-se que são atividades infantilizadas, mais adequadas para crianças, ou seja, não se tem materiais específicos para os alunos idosos.

O professor da Turma 1 não tem formação docente, atua na área de contabilidade e por isso ministra aulas de matemática para as turmas. Em uma das visitas, o professor trouxe as atividades prontas e impressas. Leu em voz alta e explicou a atividade para os alunos e os ajudou a resolver os problemas matemáticos propostos. No entanto, os alunos encontraram dificuldades para resolverem os problemas sozinhos, pois não conseguiam entender o que o exercício pedia em seu enunciado. Quando um dos alunos relacionou o problema com um exemplo do cotidiano, todos conseguiram compreender o que era para fazer na atividade.

A Turma 2 era regida por uma professora de Língua Portuguesa, já aposentada. Ela mesma preparava as atividades a serem aplicadas e, por isso, não usava livros didáticos. Tinha como apoio um caderno onde se

encontrava todo o conteúdo a ser trabalhado ao longo do semestre. Os conteúdos tinham características infantis, revelados por textos simples, parecidos com os das antigas cartilhas de alfabetização de crianças. Sua abordagem metodológica era tradicional. Escrevia um texto na lousa, depois pedia aos alunos e alunas que copiassem, utilizando-se de uma régua de madeira grande para apontar as palavras.

As estudantes de Pedagogia perceberam diferenças significativas entre o que aprenderam na disciplina e o que observaram na visita. Concluíram que ensinar não é transferir conhecimentos, tal como aprendemos com Freire, quando do estudo da noção de “educação bancária”. Então, perceberam que a prática da cópia, muito comum durante a observação, em nada contribui com a alfabetização de pessoas idosas, tanto na visão freireana de uma educação crítica e libertadora, quanto na perspectiva do letramento, na EJA. Além disso, conscientizaram-se de que a tarefa do educador implica em oferecer um ensino que contemple as necessidades das pessoas idosas, sem infantilizá-las. Problematizar os conteúdos que as mediatiza, e não os entregar como algo acabado, foi outro aprendizado que a visita técnica potencializou nos estudantes de Pedagogia.

Considerações Finais

Este texto apresentou a trajetória pessoal e profissional da autora, a fim de justificar sua escolha por ministrar a disciplina EJA, e problematizou a presença de conteúdos relativos à velhice e ao envelhecimento na disciplina em questão, no curso de Pedagogia. Além disso, trouxe o relato de uma experiência, fruto de uma visita técnica, que revelou a diferença entre o que se aprende na formação inicial e o que se observa na prática quando pensamos em pessoas idosas.

A trajetória da disciplina mostrou uma modalidade de educação que as estudantes de Pedagogia até então não conheciam na prática, a não formal. Uma vez que o curso de Pedagogia está mais voltado à formação inicial de alfabetizadores de crianças, a Educação de Jovens e Adultos foi uma disciplina que surpreendeu os (as) estudantes, quando da entrada de conteúdos relativos ao envelhecimento e à velhice.

As visitas técnicas realizadas por cada um (a) dos (as) estudantes para a composição da disciplina se fez importante porque mostrou o quanto se faz necessário que profissionais devidamente qualificados ocupem este lugar de alfabetização de idosos. Ao entrar em contato com uma educação oferecida em um ambiente não formal de ensino e com uma estrutura não regulada por um órgão do poder público, aprende-se que quando o sistema de educação pública não dá conta de atender a todos, outros lugares tomam para si este trabalho. Apreende-se, também, à partir dos dados coletados, que quando uma instituição social se dedica a oferecer tal trabalho, precisa antes se cercar de conhecimentos específicos para desenvolver com qualidade o que se propôs a fazer.

A trajetória da disciplina EJA, no curso de Pedagogia em questão, proporcionou aos (às) estudantes a compreensão de que alfabetizar na EJA não é só ensinar a ler, escrever e fazer contas. Por meio da disciplina, aprenderam que respeitar o (a) idoso (a), sua história de vida e seus saberes é necessário. Porém, em contato com a prática, perceberam a importância de conhecimentos teóricos relativos à alfabetização daquelas pessoas que não são crianças.

Se o que importa é que, “centralmente, nós nos tornemos capazes de entender o mundo”, tal qual Freire indica na epígrafe escolhida para iniciar esse texto, então uma disciplina que problematiza a relação teórico-prática gera a “compreensão inteligente que fazemos da realidade”. Conclui-se que a realidade do envelhecimento populacional no Brasil nos desafia, na formação inicial de professores, a incluir conteúdos sobre idosos, velhice e envelhecimento na disciplina EJA e, além disso, estudos do meio, como foi o caso da visita técnica.

Referências

- ARAUJO, R. M. B.; JARDILINO, J. R. L. Educação de jovens e adultos, as políticas, os sujeitos e as práticas pedagógicas: um olhar sobre a produção do campo – 2006 a 2010. *Eccos Revista Científica*, v. 25, p. 207-223, 2011. Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/3216/2152> Acesso em 18 Set. 2020.
- ARROYO, M. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. *Alfabetização e Cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos*, São Paulo, n. 11, p. 9-20, 2001.
- BRANDÃO, C. R. O que é método Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CACHIONI, M. Quem educa os idosos? Campinas, SP: Alinea Editora, 2003.
- COSTA, A. Z.; BRAGA, F. M. Idosos na EJA: contribuições a partir do periódico *Psicologia: reflexão e crítica* (2000-2012). *Revista Nupem*, v 10, n 20, 2018.
- FARIAS, A. F. de. O processo de formação inicial de professores dos anos iniciais da EJA: uma análise do curso de Pedagogia de universidades estaduais de São Paulo. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente - SP, UNESP, 2016.
- FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. Cartas a Cristina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. Alfabetizar e conscientizar: Paulo Freire, 50 anos de Angicos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.
- GOODSON, I. Life histories and the study of schooling. *Interchange*, 11 (4), p. 62-76.
- IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017> Acesso em 18 Set 2020.
- KLEIMAN, A. B; SIGNORINI, I. (org). O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- KUHN, N. F.; SLONGO, I. I. P. A formação de professores para a EJA como tema de pesquisa. *Educere: XII Congresso Nacional de Educação. Anais*. 2015. Disponível em https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17842_7676.pdf. Acesso em 12 Jun. 2020.

LAFFIN, M. H. L. F.; GAYA, S. M. Pesquisas e estudos sobre a formação inicial docente no campo da Educação de Jovens e Adultos. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, Vol. 1, nº 1, 2013.

MARQUES, D. T.; PACHANE, G. G. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 2, p. 475-490, Ago. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000200004&lng=en&nrm=iso Acesso em 12 Jun. 2020.

NERI, A. L. Palavras-chave em Gerontologia. Campinas, SP: Alinea, 2001.

OMS. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde [Internet]. Geneva: OMS, 2015. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186463/1/9789240694811_eng.pdf?ua=1. Acesso em: 24.mar.2020.

OLIVEIRA, I. A. de; DIAS, A. de S.; MOTA NETO, J. C. da. Pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil: a presença de Paulo Freire. ANPED, Pará, v.1, n.1, p.01-18, jun. 2012. Disponível em http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT18Trabalhos/GT18-1389_int.pdf. Acesso em 18 Set. 2020.

SERRA, D. C.; FURTADO, E. D. POs idosos na EJA: uma política de educação inclusiva. Olhar de professor, Ponta Grossa, 19(2): 149-161, 2016.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TFOUNI, L. V. Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso. São Paulo: Pontes Editores, 1988.

TFOUNI, L. V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

TODARO, M. A.; GUIMARÃES, M. F. As pessoas idosas e o processo de alfabetização: algumas implicações pedagógicas. SocioPoética. Volume 2, número 13, julho-dezembro de 2014.

VIÑAO, A. A história das disciplinas escolares. Revista brasileira de história da educação. Volume 1, número 18, setembro-dezembro de 2008.

SILVEIRA, T. A.; MARINHO, M. C. G.; Aproximações e distanciamentos entre as orientações no estágio supervisionado (eso) e no programa de residência pedagógica (prp) na formação dos professores de química Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores. Belo Horizonte. Vol. 13, nº. 25 (p. 249-260) 31 dez. 2020. ISSN:2176-4360. DOI <https://doi.org/10.31639/rbpf.v13i25.367>